

LA GUERRE EST FINIE / 1966

(A Guerra Acabou)

um filme de **Alain Resnais**

Realização: Alain Resnais / **Argumento e Diálogos:** Jorge Semprun / **Fotografia:** Sacha Vierny / **Música:** Giovanni Fusco / **Montagem:** Eric Pluet / **Interpretação:** Yves Montand (Diego), Ingrid Thulin (Marianne), Genevieve Bujold (Nadine), Dominique Rozan (Jude), François Bertin (Carmen), Gérard Séty (Bill), Michel Piccoli (Inspector da alfândega), Anouk Ferjac (mulher de Jude), Jean François Remi (Juan), Paul Drauchet (Roberto), Jean Bouise (Ramon), Annie Fargue (Agnès), Jean Dasté, Pierre Laproux, Bernard Fresson, Jorge Semprun (o narrador).

Produção: Sofracima (França), Europa-Film (Suécia) / **Director de Produção:** Alain Queffelsan / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, legendado em inglês e eletronicamente em português, 121 minutos / **Estreia Mundial:** Maio de 1966 / **Estreia em Portugal:** Quarteto, 26 de Novembro de 1976.

La Guerre est Finie mostrou, logo à saída, que se a guerra tinha acabado, não tinha ainda sido esquecida. O filme de Alain Resnais incluía a selecção francesa a apresentar em Cannes, no Festival de 1966, e acabaria por provocar quase que uma espécie de incidente diplomático. O governo espanhol protestou contra a apresentação do filme e **La Guerre est Finie** seria retirado do certame. Os problemas tinham, aliás, começado logo na fase de produção, com algumas pressões e protestos para que o projecto não fosse por diante. A excessiva sensibilidade do governo franquista não tinha as suas razões de ser em qualquer má consciência ou freudianos complexos de culpa embora fosse exagerada em relação a um filme que segundo o próprio Resnais bastava mudar o título e os nomes para que pudesse ser entendida de outra forma, como uma das suas labirínticas histórias de amor. Mas a Espanha começava a tentar romper o isolamento a que se confinara (ou fora confinada), através duma certa abertura de carácter basicamente económico, promovendo as capacidades turísticas do país, lançando uma ponte cultural e económica mesmo em relação aos países de Leste. Em 1966 chega a Espanha o primeiro grupo de turista soviéticos, entre eles o escritor Constantin Simonov e o realizador Roman Karmen que filmara, cerca de 30 anos antes a frente de combate na guerra civil. A contradição em que se debatia era que não dava mostras de abrandar a repressão à esquerda e em especial ao Partido Comunista Espanhol (o meio em que circula o filme de Resnais). Em 1963 fora executado um dos seus dirigentes: Julian Grimau. Mas era também o tempo em que se começava a questionar toda uma série de problemas e questões que faziam parte já de um certo folclore da Esquerda. A Revolução cubana, os textos de Régis Debray ("Révolution dans la Révolution?"), o conflito sino-soviético criavam uma nova mentalidade que punham em causa os métodos "revisionistas" dos partidos tradicionais. Parte desse debate passa também por **La Guerre est Finie**, reflectindo, antes de mais, a própria consciência e evolução do argumentista Jorge Semprun, no confronto aceso de Diego com os jovens esquerdistas que se preparam para iniciar uma série de actos terroristas. **La Guerre est Finie**, independentemente de outras questões é, hoje em dia, um documento importante porque consegue "fixar" o estado de espírito duma fase determinante da História e contem os sintomas de muitos dos problemas de um futuro próximo: as cisões dos

partidos comunistas, os conflitos com os “históricos”, o recurso ao terrorismo. Não se fala ainda na ETA, embora ela tivesse sido formada em 1960 e as referências aos bascos serem constantes (a imprensa clandestina), mas aquela célula de jovens poderia entender-se como uma espécie de sinal (no ano seguinte começariam as acções espectaculares que levariam às primeiras páginas dos jornais a famosa sigla de Euskadi Ta Askatasuna-País Basco e Liberdade). Tudo isto era, talvez, já evidente, mas o facto não retira importância ao filme de Resnais.

La Guerre est Finie ou três dias na vida de um militante comunista, numa fase em que o desgaste e a rotina são evidentes e em que as interrogações começam a pôr-se com premência, e embora não afectem ainda a organização denotam um certo mal estar que a reunião da célula clandestina exemplifica através da crítica à actuação de “Carlos” (Diego, Domingo..., toda uma série de nomes e personalidades em que a sua própria acaba por diluir-se), isto é, Yves Montand, isto é Jorge Semprun (a voz *off* é a do argumentista e escritor em plena catarse de dependência do aparelho clandestino de que fizera parte com este argumento e com o seu livro “A Segunda Morte de Ramon Mercader”). A passagem da fronteira logo no começo apresenta ainda o homem lúcido e frio numa acção que para ele é já um caso de rotina. A montagem que em Resnais é uma das peças fundamentais do seu cinema nesta fase da sua carreira que culmina com o **Je t'Aime, Je t'Aime** de 1968, joga neste filme com algo mais do que uma representação espaço-temporal, com a memória. Trata-se, com maior evidência de representações mentais que parecem “visualizar” as preocupações de Diego, mais do que um simples *flash-back* (um regresso ao passado) ou um *flash-forward* (uma imagem do futuro). A prisão de Juan que vemos ao começo, não é, evidentemente, a prisão real que tenha tido lugar ou que irá ter. Trata-se apenas de representação mental do que nesse momento preocupa Diego e que o acompanha ao longo do filme.

O primeiro sinal de desgaste dá-se em casa de Marianne quando confrontado com as perguntas sobre Espanha se confessa farto do folclore que faz da Espanha a “consciência lírica da esquerda”. Viver no interior, em clandestinidade, dá-lhe uma consciência diferente do aparelho exterior (também neste caso o filme apresenta algumas das questões que agitavam os meios da esquerda), e Diego tem a noção de que a Espanha “não é o sonho de 36 anos mas a realidade de 65 (a data em que se presume passar a acção)” e de que os líricos apelos à greve geral se iriam reduzir a simples manifestações de alguns activistas. Mas é ainda a fidelidade a esse sonho que impede Diego de romper com a organização e o faz responder quase agressivamente às propostas dos jovens esquerdistas. Se há um cansaço há também a fidelidade à memória. Se há Nadine, há também Marianne e a busca de uma certa normalização. E há os laços que o ligam aos velhos companheiros, laços que se tornam mais visíveis quando se quebram: a morte do chefe da célula e o enterro que retoma uma série de rituais e que tão bem sublinha a beleza da frase que nesse momento se ouve na voz de Diego-Semprun: “*La mort a fait entrer le soleil dans ta vie*”. Neste momento a frase pode ter dois sentidos: não é só o da evocação de um passado de luta, mas o de uma abertura que poderá levar Diego à sua libertação dos laços do aparelho, visto que, com a morte do velho amigo, desaparece um dos motivos das suas hesitações. E nem a presumível entrada em cena dentro da organização, de Marianne, enviada urgentemente a Espanha para prevenir Diego da ratoeira altera esse sentido.

Mas **La Guerre est Finie** é, essencialmente, uma história de amor, como são, no fundo, todos os filmes de Resnais. É um amor que passa pelas mais duras provas: da ausência, da dissimulação, dos desencontros e do medo, aquele que une Diego e Marianne e que Resnais “une” num dos mais belos encadeados da história do cinema: aquele, no fim, em que os rostos de um e de outro se vão sobrepondo até se “preencherem” inteiramente.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico